

Plano terapêutico fonoaudiológico pautado no conceito de gêneros do discurso de Bakhtin: aspectos teórico-metodológicos

Speech therapy plan guided by Bakhtin's speech genres theory: theoretical-methodological aspects

Plan terapéutico fonoaudiológico guiado por el concepto de géneros del discurso de Bakhtin: aspectos teórico-metodológicos

*Rita de Cassia Fernandes Signor**
*Ana Paula Santana**

Resumo

A noção de gêneros do discurso ganhou expressividade no Brasil a partir da década de 1990, quando, por meio dos Parâmetros Curriculares de Língua Portuguesa, foi proposta uma ressignificação nas formas de ensino e aprendizagem. Estratégias para o desenvolvimento de competências em leitura e escrita começaram a ser pensadas através da língua em uso, a língua que se dá nos gêneros orais e escritos que medeiam as interações humanas. Embora a teoria de gêneros tenha sido adaptada para a esfera da educação, pode, desde que respeitadas as especificidades do contexto, ser estendida ao campo terapêutico. Se no contexto da escola se usa a expressão “proposta didática”, na esfera da clínica elaborase um “plano terapêutico fonoaudiológico” (PTF) voltado para escolares com queixas de dificuldades de leitura e escrita. O objetivo deste trabalho é apresentar os aspectos teórico-metodológicos envolvidos na elaboração de plano terapêutico embasado na teoria bakhtiniana de gêneros do discurso. A exposição de caráter teórico-metodológico está dividida em duas seções: na primeira são abordadas as bases conceituais e, na sequência, são apresentados os aspectos metodológicos para a implementação do referido PTF.

Palavras-chave: Dislexia; Escrita Manual; Fonoaudiologia.

*Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, SC, Brasil.

Contribuição dos autores:

RCFS e APS: participaram da revisão bibliográfica, redação do texto e revisão final.

E-mail para correspondência: Rita de Cassia Fernandes Signor – ritasignor@gmail.com

Recebido: 16/08/2016

Aprovado: 24/03/2017

Abstract

The notion of discourse genres has been outstanding in Brazil since the 1990s when it was proposed the re-meaning in the ways of teaching and learning by means of the Curricular Parameters of the Portuguese Language. Strategies for the development of competencies in reading and writing started being thought over through the language in use, the language of oral and written genres which mediate human interactions. Although the theory of genres was adapted for the educational field, it can be extended to the therapeutic field since the context specificities are respected. If in school settings, the expression “teaching proposal” is used, in the clinical scope, a “speech language therapeutic plan” for students with complaints of reading and writing difficulties. This study aims to present the theoretical-methodological aspects involved in the elaboration of a therapeutic plan grounded in Bakhtin’s theory of discourse genres. The exposition of the theoretical-methodological approach is divided in two sections: in the first one, the theoretical background is addressed, followed by the methodological aspects in order to implement the aforementioned speech language therapeutic plan.

Keywords: Dyslexia; Handwriting; Speech Language Therapy.

Resumen

La noción de géneros del discurso ganó expresividad en Brasil desde la década de 1990, cuando, a través de los Parámetros Curriculares de la Lengua Portuguesa, se propuso un replanteamiento en las formas de enseñanza y aprendizaje. Estrategias para el desarrollo de habilidades en la lectura y la escritura comenzaron a ser pensadas a través de la lengua en uso, la lengua usada en los géneros orales y escritos que median las interacciones humanas. Aunque la teoría de género se ha adaptado a la esfera de la educación, se puede, siempre que respetadas las especificidades del contexto, extenderla al campo terapéutico. Si en el contexto de la escuela se usa la expresión “propuesta didáctica” en el contexto de la clínica se elabora un “plan terapéutico fonoaudiológico” (PTF) para los estudiantes con dificultades de lectura y escritura. El objetivo de este trabajo es presentar los aspectos teóricos y metodológicos implicados en el desarrollo del un plan terapéutico apoyado en la teoría de géneros del discurso de Bakhtin. La exposición de carácter teórico y metodológico se divide en dos secciones: la primera aborda las bases conceptuales y la segunda aborda los aspectos metodológicos para la aplicación del referido PTF.

Palabras claves: Dislexia; Escritura Manual; Fonoaudiología.

Introdução

Nos últimos anos, muito se tem falado sobre *teorias de gêneros do discurso*, tanto em âmbito terapêutico quanto educacional. Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa¹ (PCNs, 1997), por exemplo, estão atravessados pela noção de gêneros. Tal noção ganhou maior expressividade a partir da década de 1990, quando, em virtude do alto índice de fracasso escolar pesquisadores propuseram uma ressignificação nas formas de “ensino” e de “aprendizagem”. Estratégias para o desenvolvimento de competências em leitura e escrita começaram a ser pensadas a partir da língua em uso: a língua que se dá nos gêneros, porque os interactantes falam, leem e escrevem por meio de gêneros (notícia, reportagem, conto, crô-

nica, conversa cotidiana, palestra, *e-mail*, história em quadrinho, tirinha, *whatsapp*, entre milhares de outros gêneros)².

Passadas quase duas décadas, os documentos oficiais continuam a apontar a importância do trabalho com os gêneros do discurso no contexto educacional. O PNAIC (Plano Nacional de Alfabetização na Idade Certa), de 2015, baseado em uma abordagem sociohistórica, traz o conceito de *gêneros do discurso* como base para a alfabetização em uma perspectiva de “Alfabetizar Letrando”. Nessa perspectiva, o domínio do sistema de escrita alfabética não é, por si só, suficiente para que o indivíduo seja considerado alfabetizado; é necessário que ele saiba usar o sistema nos variados gêneros e contextos de uso da língua. É importante, portanto, segundo tal abordagem, garantir o domínio do sis-

tema de escrita e favorecer o acesso às diferentes práticas de linguagem da sociedade³.

No entanto, estudos⁴ apontam que a teoria enunciativo-discursiva de Bakhtin pouco encontra ressonância nas salas de aula, uma vez que as condições de formação do professor são insuficientes para dar a ele todo o suporte de que necessita para implementar sua prática em consonância com os documentos oficiais. Assim, muitos docentes ainda se apoiam nas suas próprias experiências de aprendizagem⁴, favorecendo a crescente procura por atendimento terapêutico por crianças, adolescentes e adultos com dificuldades de leitura e escrita.

Embora a teoria de gêneros tenha sido adaptada (didatizada) para a esfera da educação, pode, desde que respeitada as especificidades do contexto, ser estendida ao campo terapêutico^{2,5-9}. Se no contexto da escola se usa o termo “proposta didática”¹⁰, na esfera da clínica tem-se usado a expressão, própria das profissões voltadas à recuperação dos distintos aspectos da inscrição e manutenção da vida humana em sociedade, “plano terapêutico”¹¹⁻¹².

Ressalte-se que a adoção de uma perspectiva enunciativo-discursiva proposta neste trabalho é de natureza clínica, inserida no campo de ação da fonoaudiologia. Sem relativizar a dimensão “pedagógica” implicada no paradigma teórico assumido, é importante lembrar que a situação de terapia projeta outro lugar de mediação e de aprendizagem (diferente do dos contextos formais configurados, por exemplo, nos grupos de trabalho voltados ao desenvolvimento da escrita na escola). Em situação terapêutica, o fonoaudiólogo tem a função de tratar o sintoma, entendido aqui como relação de sofrimento dos sujeitos com a linguagem escrita e com a própria condição de aprendiz¹². O sintoma muitas vezes se traduz em “bloqueios” diante da língua, dificultando, senão impedindo, avanços nas condições de letramento.

Para ressignificar a queixa, é necessário que se promova um contexto terapêutico significativo para a apropriação e desenvolvimento da leitura e escrita que contemple, para além das questões linguísticas, os aspectos afetivos e subjetivos envolvidos na aprendizagem. Entende-se, assim, que a construção de novos sentidos nas vivências mediadas pela linguagem conduz ao redimensionamento de uma subjetividade abalada pelo estigma das dificuldades de leitura e escrita; é nesse sentido que o trabalho empreendido ultrapassa o campo “pedagógico” e se torna terapêutico¹².

É importante assinalar que muitos fonoaudiólogos que afirmam trabalhar na perspectiva dos gêneros o fazem seguindo uma abordagem de *visitação* aos gêneros discursivos¹³. O trabalho desenvolvido durante a *visitação* é, de fato, de cunho discursivo, mas não está fundamentado na teoria em questão, pois em um trabalho de *visitação* aos gêneros em uma sessão se trabalha com história em quadrinhos (HQ), em outra com uma notícia, na outra sessão com uma crônica e assim por diante. Não se visa, assim, a apropriação das especificidades do gênero, mas se usam textos de gêneros variados como forma para o desenvolvimento da linguagem escrita².

Signor² explica que a perspectiva enunciativa de Bakhtin acerca dos gêneros, e o processo de elaboração nessa perspectiva para a prática fonoaudiológica, impõe que se apreendam as dimensões constitutivas do gênero em estudo, que não se dá a conhecer de forma imediata, como na proposta voltada à *visitação*. Além do mais, para a apropriação efetiva dos processos de leitura e produção textual é necessário um tempo de vivência maior com atividades de leitura e produção textual em torno de um gênero, uma vez que a aprendizagem é processual².

A *visitação* aos gêneros é válida, evidentemente, uma vez que a terapia acaba sendo mediada por textos reais, aqueles que circulam socialmente. No entanto, não se pode dizer que se trata da abordagem bakhtiniana dos gêneros do discurso, pois os objetivos terapêuticos e meios de alcançá-los diferenciam-se quando se trabalha visando à *visitação* ou à apropriação do gênero.

Quando se busca a apropriação das formas da língua em concomitância com as formas do gênero, dificilmente se trabalha com um gênero em apenas uma sessão (como ocorre na *visitação*). Pesquisadores¹⁴⁻¹⁶, apoiados na teoria de gêneros, elaboram propostas didáticas destinadas à análise e consequente aprendizagem das propriedades genéricas de um *corpus* de textos selecionados para este fim. A adoção pela abordagem teórica de Bakhtin¹⁷, em Fonoaudiologia, possibilita considerar as relações de sentido, sendo possível reverter o quadro de instabilidades decorrentes do afastamento dos sujeitos da modalidade escrita da linguagem².

Acrescente-se que a análise dialógica do discurso, realizada a partir dessa perspectiva na clínica fonoaudiológica, faz com que se trabalhe não apenas com a linguagem escrita *stricto sensu*, mas também

com a relação entre sujeito e linguagem. Relação essa que é constituída a partir das práticas sociais e dos discursos do outro, como bem diz Bakhtin¹⁸:

Tudo o que me diz respeito, a começar por meu nome, e que penetra em minha consciência vem-me do mundo exterior, da boca dos outros (da mãe, etc), e me é dado com a entonação, com o tom emotivo dos valores deles. Tomo consciência de mim, originalmente, através dos outros: deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo [...]. Assim como o corpo se forma originalmente dentro do seio (do corpo) materno, a consciência do homem desperta envolta na consciência do outro.

Logo, partir de uma perspectiva enunciativo-discursiva é partir de uma concepção de linguagem e de sujeito socialmente construída. Desta forma, se de um lado a clínica fonoaudiológica é marcada pelas relações que se estabelecem entre sujeito e linguagem e que precisam ser ressignificadas (relação de sofrimento, relação de afastamento com a escrita, autoestima baixa); por outro, entende-se que para ler e escrever com proficiência, criticidade e autonomia, é essencial dominar a discursividade dos gêneros¹⁹.

De acordo com os PCNs de Língua Portuguesa¹, ensinar a ler pressupõe a inserção e participação ativa do sujeito em uma sociedade letrada. Essa participação requer não apenas a decodificação da linguagem, mas a possibilidade de ler textos de gêneros discursivos diversos, sendo capaz de interpretar seus conteúdos por meio de análise do posicionamento ideológico dos seus autores¹⁹. Escrever, por sua vez, depende da possibilidade de produzir textos de gêneros orais e escritos, para imprimir suas posições através do domínio de suas temáticas e de seus recursos linguísticos¹⁹.

Diante do exposto, o objetivo deste artigo é apresentar os aspectos teórico-metodológicos envolvidos na elaboração de plano terapêutico embasado na teoria bakhtiniana de gêneros do discurso. Este trabalho não tem a pretensão de apresentar toda a complexidade do processo terapêutico, mas, reitera-se, *expor aspectos de cunho metodológico para o trabalho com os gêneros na clínica*. A exposição de caráter teórico-metodológico está dividida em duas seções: a primeira apresenta as bases conceituais e a seguinte traz a metodologia para a implementação do referido trabalho. A terapia é destinada ao desenvolvimento de competências

em leitura e escrita de sujeitos com queixas de dificuldades em linguagem escrita.

Os gêneros do discurso: aspectos conceituais

Para que se implemente uma prática fonoaudiológica embasada na noção de gêneros do discurso, é necessário que se entenda minimamente o conceito de gêneros. Em linhas gerais, um gênero engloba um conjunto de textos que possuem algumas regularidades em comum. É como um sobrenome que o texto carrega, pois pertence a uma determinada “família”. Nesse sentido, é interessante que se reflita sobre as seguintes perguntas: o que faz com um texto qualquer pertença a um gênero e não a outro? A título de exemplo, pode-se perguntar o que faz com que uma crônica seja uma crônica e não um conto ou uma reportagem? A resposta a essas perguntas sugere uma postura analítica voltada à construção composicional do texto, entre outros aspectos que são discutidos a seguir.

Para compreender o conceito de gêneros do discurso na perspectiva de Bakhtin é preciso que se apreenda a sua função no conjunto das suas formulações, o que significa considerar seus fundamentos nucleares, entre eles a concepção social, histórica, ideológica e dialógica da linguagem e da consciência²⁰. Nesse sentido, não é possível dissociar o conceito de gênero das noções de interação verbal, comunicação discursiva, língua, enunciado e esfera de atividade humana, pois somente na relação com esses conceitos é possível se apropriar, sem reduzir, da noção de gêneros²⁰.

Todas as atividades humanas são mediadas pela linguagem, que acaba sendo “moldada” diferentemente de acordo com as especificidades dessas atividades. Atividade humana remete à noção de esfera de circulação de gêneros. Isso quer dizer que existem variadas esferas de atividade humana e nessas transitam gêneros que lhe são próprios, ou seja, pertencentes à dada esfera¹⁷. Assim, a notícia, o editorial e a reportagem são exemplos de gêneros que pertencem à esfera do jornalismo. A conversa, o bilhete, o *whatsapp*, o *e-mail* informal, por sua vez, são gêneros ligados à esfera cotidiana. O conto, o romance, a poesia, a letra de música são gêneros da esfera da arte, e assim por diante.

Há gêneros que podem pertencer a duas esferas distintas, a exemplo da crônica. Entendendo que a crônica é um gênero que retrata fatos/acometimentos atuais e/ou cotidianos de forma (em

geral) humorística, quando ela deixa de pertencer ao jornal (suporte impresso ou *on-line*) e passa a ser compilada em livro (Por ex. “Comédias para se ler na escola”), torna-se um gênero atrelado à esfera da arte. Por essa razão, é fundamental que se considere, no que diz respeito aos gêneros, a esfera de circulação, o suporte, as condições de produção dos textos, entre outros fatores que fazem parte da constituição genérica.

Bastante comum no meio de estudiosos do conceito de gênero é a menção ao termo *enunciado*, pois Bakhtin¹⁷ define os gêneros do discurso como “tipos relativamente estáveis de enunciados”. *Enunciado*, na concepção bakhtiniana, é a unidade da comunicação discursiva que se materializa (e ganha sentido) no processo interacional. Apenas para exemplificar, pode-se dizer a um amigo que se atrasa para um encontro: “Que *bonito*, isso são horas?”, ou dizer para esse mesmo amigo, em outro momento: “Puxa, que sapato *bonito!*”. Vê-se, desse modo, que uma mesma palavra – no caso “bonito” – ganha sentidos diferentes conforme sua função no enunciado.

Sendo o enunciado uma unidade de sentido, ele suscita uma resposta, conforme Bakhtin¹⁸. Diz o autor que é necessário um *eu*, um *tu* e uma intenção enunciativa. Esses “dois” personagens são, muitas vezes, interlocutores presumidos, como ocorre quando um romancista (um eu) escreve para determinado público/auditório social do gênero (um tu).

Outro exemplo de enunciado é uma placa de trânsito. Se uma placa de trânsito - (PARE) - provoca uma reação nos motoristas é considerada um enunciado. Desse modo, uma imagem, um sinal, uma palavra dita para alguém são enunciados pois suscitam ações responsivas. Vale dizer que a resposta não precisa ser verbal; pode ser um gesto, uma expressão facial, até o silêncio pode ser, em certas condições, considerado uma resposta. Uma palavra ou frase solta ou mesmo um texto artificialmente produzido, vale dizer, não carregam intenção comunicativa, não são, portanto, enunciados, segundo Bakhtin¹⁸.

Em suma, o gênero, como *tipo de enunciado*, envolve uma situação de interlocução, em que algo é dito (escrito) para alguém, de uma determinada forma, em determinado tempo histórico¹⁷. As condições de produção dos enunciados remetem a esses fatores: quem disse o quê, para quem, onde, quando, sob que circunstância, com que objetivo, em que tempo histórico. O caráter histórico é um

elemento fundante no estudo do gênero, pois a relativa estabilidade (“Tipos *relativamente* estáveis de enunciados”) remete ao fato de que os gêneros, embora mantenham certa regularidade, acompanham o ritmo de uma sociedade em constante movimento¹⁷.

A título de ilustração, vale observar o anúncio publicitário a seguir:



<p>Ele De manhã vai ao trabalho e volta à noite.</p>	<p>Ela Leva as crianças à escola, vai à feira, vai ao cabeleireiro, vai buscar mamãe, busca os sobrinhos para brincarem com as crianças que voltaram da escola, vai à costureira, leva mamãe para casa, vai visitar as amigas, vai ver como titia Celina está passando, volta à casa de uma amiga para apanhar a bolsa que tinha esquecido, etc, etc, etc.</p>
--	--

Não é justo que ELA tenha um Volkswagen só para ela?²¹

Vê-se, por meio do texto acima, que embora o gênero *anúncio publicitário* tenha uma finalidade específica no conjunto da comunicação humana, a intenção enunciativa, no caso fomentar as vendas de carros, é marcada pela avaliação social, isto é, pelo horizonte axiológico de um dado grupo social²². O anúncio dos anos de 1960 carrega elementos dos valores sociais de uma época passada. Mesmo que muitas mulheres ainda assumam a tarefa exclusiva do lar, na sociedade atual, o anúncio em questão estaria deslocado no tempo e, com isso, o enunciado não cumpriria a sua função, pois na atualidade mudaram-se as representações sobre o homem e a mulher.

A situação social de interação, elemento fundante para a análise de qualquer gênero, pode ser associada a um conceito denominado *cronotopo*, que é uma noção importante quando se trata de estudo do gênero. Rodrigues²⁰ explica que cada gênero está assentado em um diferente cronotopo (dimensão espacial, temporal, temática e axiológica). Assim, no seu momento e lugar de existência, isto é, no seu cronotopo, os gêneros em formação não anulam os gêneros já existentes. Por exemplo, o *e-mail* não extinguiu a carta, o *messanger* ou o *whatsapp* não acabaram com o telefonema. Cada gênero estabelece relações com os já constituídos em determinada esfera e, quando desaparecem, é em virtude da supressão das condições de produção que os suscitaram.

A partir do entendimento do conceito de enunciado, e da noção de gênero como tipo de enunciado que se modela de acordo com as especificidades das atividades humanas, é possível que se reflita sobre os elementos constituintes de cada gênero. Bakhtin¹⁷ entende que o gênero discursivo é composto por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional.

O tema é o objeto do enunciado. Se o objeto é inesgotável, quando se converte em tema do enunciado adquire um caráter relativamente concluído. “Todo gênero tem seu conteúdo temático determinado: seu objeto discursivo, sua orientação de sentido específica para com ele”¹⁷.

O estilo é a seleção de recursos da língua (por ex. recursos lexicais, sintáticos) que, embora seja de caráter individual – cada pessoa tem um estilo de escrita –, é cerceado pelo estilo do gênero em uso. Assim, isso leva a entender que um jornalista tem seu estilo de escrita que se modifica a depender do que escreve (uma reportagem, um *e-mail* formal, um bilhete na agenda do filho etc.), para quem escreve (interlocutor) e em que contexto (menos ou mais formal). No caso específico da esfera do jornalismo, o estilo de escrita, em um mesmo gênero, pode se modificar também em função do público do jornal. Isso leva a entender a razão pela qual um mesmo fato pode ser noticiado de um modo, em um jornal destinado ao público mais favorecido do ponto de vista sociocultural e econômico (elitizado); e de outro modo, para um público pouco favorecido socialmente, onde há modificação, sobretudo no uso dos recursos lexicais.

É importante observar o quanto os elementos do gênero extrapolam os aspectos puramente

formais/verbais/textuais, sendo imprescindível, como visto, que se considere a situação social de interação para que se possa apreender como determinado enunciado se insere em uma formulação genérica específica.

O elemento mais complexo do gênero é a sua construção composicional, pois há uma imensa diversidade e heterogeneidade manifesta na composição do gênero, decorrente da complexidade das atividades humanas, igualmente diversificadas e heterogêneas¹⁷. Alguns autores correlacionam construção composicional à materialidade textual, no entanto, para Bakhtin¹⁷ esse aspecto extrapola a ordem puramente linguística, pertencendo ao campo do estudo do discurso, pois abarca o caráter dialógico e ideológico da linguagem.

Nesse ponto da discussão, cabe dizer que é justamente o caráter dialógico e ideológico da linguagem que fez com que os gêneros do discurso se tornassem, nas propostas oficiais do Ministério da Educação e Cultura (MEC), objeto de ensino e aprendizagem. O que se propõe aqui é que na esfera clínica fonoaudiológica, a linguagem, concebida de forma mais ampla, possa adentrar ao espaço terapêutico para que o trabalho objetivo não apenas o alcance do alfabetismo desejado, mas a formação da cidadania por meio do desenvolvimento de competências leitoras plenas.

Nessa direção, é importante considerar que o conhecimento metagenérico (acerca do gênero) baliza o processo da leitura²³. Por exemplo, ao ler uma crônica o leitor já espera um *porvir* humorístico; ao ler uma notícia já espera o conteúdo informativo; ao ler um poema já pressupõe uma composição específica que leve ao deleite; ao ler um romance, o sujeito espera a narrativa de uma história já vivida etc. Dessa maneira, promover o conhecimento do gênero discursivo é uma estratégia que favorece o desenvolvimento de habilidades (em leitura e escrita) necessárias à inserção mais efetiva em uma comunidade grafocêntrica.

Uma última observação diz respeito à distinção entre gêneros primários e secundários. Bakhtin¹⁷ diz que “não se deve relativizar a enorme heterogeneidade dos gêneros do discurso e a dificuldade daí advinda de definir a natureza geral do enunciado”. Afirma que nesse ponto faz-se necessário atentar para a diferença entre os gêneros primários e secundários. Para o autor não se trata de uma distinção funcional. Os primários são constituídos em situações interacionais cotidianas (imediatas). Podem

ser citados como exemplos de gêneros primários o *e-mail* informal, o bilhete, o diálogo cotidiano.

Os gêneros secundários, principalmente mediados pela escrita, formam-se em situações mais complexas e elaboradas de interação social, ou seja, no âmbito das esferas das ideologias formalizadas e sistematizadas¹⁷; são exemplos o romance, a tese, a palestra, a reportagem, o artigo científico etc. No processo de formação dos gêneros secundários, pode ocorrer uma absorção e reelaboração dos primários. Dessa maneira, a conversa cotidiana relatada no romance (gênero intercalado) perde seu caráter imediato e passa a incorporar as características do universo narrativo complexo que lhe deu origem, ou seja, nessa situação, o diálogo transforma-se em acontecimento literário e deixa de ser mundano¹⁷.

Os planos terapêuticos pautados na teoria enunciativa de Bakhtin, que são propostos com a finalidade de ressignificar a relação do escolar com a escrita por meio da apropriação de gêneros, seguem algumas especificidades e envolvem o desenvolvimento de aspectos discursivos, textuais e formais. Os aspectos discursivos requerem um trabalho voltado para o gênero, o que inclui considerar as condições sociointeracionais de produção dos textos que, como dito, envolvem analisar quem escreveu, para quem, com que finalidade, com que intenção enunciativa (por ex. a intenção de um anúncio é promover a venda, a intenção de uma piada é provocar o riso, a intenção de notícia é, “em tese”, informar, de uma fábula é ensinar valores morais, etc.), estilo e suporte. Os aspectos textuais envolvem coesão, coerência, progressão temática, formação de cadeias coesivas e a retomada de referentes. Por fim, os aspectos formais se referem à ortografia, paragrafação, pontuação, entre outros. Convém que todos esses conhecimentos sejam desenvolvidos em conjunto na interlocução travada no contexto de clínica fonoaudiológica voltada à leitura e escrita.

A interlocução é entendida, aqui, da forma como propõe Geraldini²⁴, como espaço de produção de linguagem e de constituição dos sujeitos, e é pensando desse modo, focalizando a linguagem como processo interlocutivo, que se compreende o fazer fonoaudiológico como algo instaurado na e sobre a singularidade dos sujeitos que deste lugar se constituem. Entender que o indivíduo se constitui na e pela linguagem, significa aceitar que o sujeito

não está dado, ou seja, não é acabado, e sim que se (trans)forma no processo de interação verbal²⁴.

A seguir apresenta-se a descrição e a discussão metodológica proposta para o acompanhamento de sujeitos com dificuldades de leitura e escrita. Este trabalho pode ser desenvolvido individual ou, preferencialmente, em grupo.

Trabalhando com os gêneros do discurso: aspectos metodológicos

A fim de tornar a apresentação didática, a metodologia de trabalho está dividida em subseções.

Seleção do gênero

Ao trabalhar na perspectiva teórica dos gêneros do discurso, a primeira fase do plano terapêutico é constituída pela seleção do gênero. Independentemente de ser terapia individual ou em grupo, os interesses dos participantes devem ser considerados. Há de se considerar, no entanto, que a realidade sociocultural de algumas crianças e adolescentes restringe os seus interesses e que o terapeuta pode despertá-los a partir da experimentação, da vivência, da inserção intensa em outros gêneros que não habitam a realidade da criança ou adolescente. Ampliam-se, desse modo, as inserções socioculturais dos sujeitos e, conseqüentemente, as suas capacidades leitoras^{2,5-9}.

Em trabalho envolvendo o gênero peça de teatro na clínica fonoaudiológica, Signor² relata que os participantes (cinco adolescentes com dificuldades de leitura e escrita) de um grupo de terapia, em princípio, demonstraram pouco interesse nas leituras de peças de teatro; mas, ao serem inseridos de forma significativa no gênero em questão, manifestaram o desejo em prosseguir. Vale dizer que as atividades englobaram (para além de leituras e análise de peças) assistir a uma peça de teatro, entrevistar um dramaturgo, escrever um roteiro, ensaiá-lo e apresentá-lo, pesquisas na internet, estudo da história do teatro, entre outras ações que visaram à apropriação do gênero em questão. A autora conclui que ter despertado os interesses do grupo para um gênero da esfera da arte foi crucial para o desenvolvimento de aspectos da ordem do social, cultural, ideológico e linguístico-discursivo dos sujeitos envolvidos.

Estudo da esfera de circulação e das condições de produção do gênero

Estudar a esfera de circulação do gênero engloba conhecer os processos sociointeracionais envolvidos na produção e recepção do gênero. Por exemplo, se o gênero selecionado for uma notícia, é preciso adentrar à esfera jornalística, objetivando analisar as suas condições sócio-históricas (origem e desenvolvimento das atividades humanas) e sua função sociodiscursiva no conjunto da vida social²⁰, analisando, entre outros aspectos, o papel dos agentes que produzem o gênero (jornalistas, repórteres, editores, revisores, etc.), o público previsto, a ideologia de cada jornal analisado, objeto de discurso, entre outros fatores ligados à dimensão social do gênero. Acosta²⁵, estudioso do gênero notícia, no que diz respeito ao auditório social do gênero, relata que as instituições jornalísticas realizam pesquisas a fim de conhecer o seu público alvo (profissão, grau de escolaridade, classe social), visto que a orientação axiológica do leitor influencia a construção da notícia, uma vez que na concepção bakhtiniana todo e qualquer enunciado é orientado para um outro e se conforma a esse outro, a depender da intenção de quem enuncia.

Assim, após a seleção do gênero e estudo de sua esfera de circulação, parte-se para a formação de um *corpus* de textos no gênero.

Formação de um corpus de textos no gênero

Sugere-se que a gama de textos envolvidos na composição do *corpus* de textos no gênero (objeto de estudo) envolva diferentes suportes, autores e contextos históricos para que os sujeitos da clínica possam melhor apreender o funcionamento do gênero (seus aspectos socioideológicos, sua relativa estabilidade e estilo). Assim, se o gênero selecionado for uma crônica, é necessário que o *corpus* de textos contemple (crônicas de diferentes jornais, de diferentes autores, escritas em distintas épocas e também crônicas compiladas em livros). Em geral, são necessários muitos textos e várias sessões de terapia para a abordagem de cada gênero selecionado².

Práticas de leitura dos textos selecionados

A fase de leitura engloba dois momentos distintos (entretenimento e análise reflexiva). No primeiro momento, busca-se ler e compreender sem a intenção de análise das propriedades genéricas. O fonoaudiólogo é o mediador que auxilia nos

processos de leitura (decodificação, compreensão e produção de sentidos). É conveniente buscar estratégias tais como a elaboração de perguntas para que os sujeitos reflitam sobre a leitura e, diante de dificuldades no estabelecimento de inferências, conduzir o processo.

O segundo momento da fase de leitura está descrito a seguir.

Práticas de análise das propriedades do gênero (leituras reflexivas)

Esta etapa envolve a análise dos mesmos textos lidos na fase anterior. São estudadas, assim, as propriedades do gênero, em seus aspectos discursivos, textuais e formais. A título de ilustração, se o gênero selecionado for a crônica, é preciso que se reflita sobre os seguintes aspectos: i) uma crônica apresenta, em geral, acontecimentos cotidianos ou de cunho político de forma ironizada e cômica (ao tratar de conteúdo político, pode ter um teor mais de “direita” ou de “esquerda”, por isso é necessário entender a ideologia do jornal); ii) costuma retratar fatos atuais, assim, um texto escrito há dez anos pode trazer implicações para a percepção dos sentidos por pessoas que não vivenciaram o tempo retratado na crônica; iii) pode ser publicada em jornais ou ser compilada em coletâneas, estas últimas podem estar “desatualizadas” e requerer recursos adicionais de interpretação; Convém, ainda, iv) analisar o uso dos recursos léxicos, entre outros, de ordem linguística, que, no caso do jornal, podem variar conforme o público¹⁶. Desse modo, no processo de mediação da leitura, em meio à noção de gêneros, é necessário transcender os aspectos verbais e considerar o extraverbal que constitui o acontecimento discursivo¹¹. Vale dizer, no entanto, que a materialidade textual é um elemento fundante quando o objetivo é a apropriação do gênero. Por fim, convém considerar que quando se trata de uma crônica, o texto é marcado, em geral, por um diálogo entre os participantes. Há menos narração (como em um conto ou romance) e mais conversação. Observe-se, abaixo, um exemplo de crônica destinada ao público infantil:

O melhor amigo

A mãe estava na sala, costurando. O filho abriu a porta da rua, meio ressabiado, arriscou um passo para dentro e mediu cautelosamente a distância. Como a mãe não se voltasse para vê-lo, deu uma corridinha em direção de seu quarto.

- Meu filho? - gritou ela.
 - O que é? - respondeu com ar mais natural que lhe foi possível.
 - Que é que você está carregando aí? - perguntou a mãe.
 - Eu? Nada...
 - Você entrou carregando uma coisa sim, eu vi. O menino veio até a sala com a “coisa” na mão.
 - Olha aí, mamãe: é um filhote...
 - Um filhote? Onde é que você arrumou isso?
 - Achei na rua. Tão bonitinho, não é? Deve estar com fome, olha só a carinha que ele faz.
 - Trate de levar embora esse cachorro agora mesmo!
 - disse a mãe.
 - Ah, mamãe... - já comendo uma cara de choro.
 - Tem dez minutos pra botar esse bicho na rua. Já disse que não quero animais aqui em casa.
 - Que diabo também, nesta casa tudo é proibido!
 - resmungou o menino e ficou esperando a reação da mãe.
 - Dez minutos! - repetiu ela, com firmeza.
 - Todo mundo tem cachorro, só eu que não tenho. Também, de hoje em diante, eu não estudo mais, não vou mais ao colégio.
 - Veremos! - disse a mãe. - Vamos, chega! Leva esse cachorro embora.
 - Ah mamãe, deixa! - falou o menino quase chorando. - É meu melhor amigo, não tenho mais ninguém nesta vida...
 - Que bobagem é essa? E eu?
 - Mãe e cachorro não é a mesma coisa... Por favor!
 - suplicou o menino.
 - Olha que eu não vou mais para a escola, hein!
 - Deixa de conversa e obedeça a sua mãe!
 O menino saiu e seus olhos estavam cheios de lágrimas. Uma hora depois, volta ele da rua:
 - Pronto, mamãe!
 E o menino exibia uma nota de vinte e uma de dez reais: havia vendido seu melhor amigo.
 - Eu devia ter pedido cinquenta reais – lamentou o menino. - Tenho certeza que eu teria conseguido cinqüentinha por ele!

[Fonte: Fernando Sabino. A vitória da infância. São Paulo: Ática, 1995, p.35]

A análise reflexiva permite entender que o texto acima pertence à família das crônicas uma vez que apresenta as propriedades do gênero crônica. Pode ser interessante, mostrar textos de gêneros distintos (por exemplo, uma notícia, um conto, uma crônica e uma sinopse) em uma sessão de terapia inicial para que seja trazido à consciência dos escolares o fato de que cada texto carrega certas propriedades que faz com que pertença a uma determinada “família”.

É importante que o fonoaudiólogo tenha como premissa a necessidade de que ele mesmo precisa se apropriar das características dos gêneros e, para tanto, é necessário pesquisar as propriedades genéricas dos textos antes mesmo de abordá-los com os escolares. Esse conhecimento de base é importante para que os escolares se apropriem do gênero em estudo e o plano terapêutico seja bem-sucedido. Há vários trabalhos desenvolvidos¹⁴⁻¹⁶ que podem ser encontrados nas bibliotecas digitais das universidades que oferecem pós-graduação em Linguística. Tais trabalhos podem ajudar o fonoaudiólogo a construir o conhecimento sobre as regularidades dos gêneros que pretende abordar em terapia.

Produção de textos no gênero

Após compreensão das propriedades verbais e extraverbais do gênero em estudo, parte-se para a produção escrita. É preciso que o(s) participante(s) da terapia tenha(m) em mente o interlocutor, pois, seguindo essa proposta, escreve-se para o outro. Sugere-se que a produção seja publicada em *blog*, *site*, mural da clínica, jornal confeccionado pelos participantes, entre outras possibilidades².

Em resumo, a escrita requer que se atente para as condições de produção textuais: para quem se escreve (público-alvo); objetivo, intencionalidade, quais os sentidos se pretende imprimir no leitor, em que suporte o texto será publicado, entre outros fatores. Além de considerar aspectos relacionados às propriedades e condições de produção do gênero, o trabalho com a linguagem escrita conduz a considerações acerca das questões textuais e formais, vistas, sob essa ótica, como elementos que favorecem a percepção dos sentidos por parte do leitor. A escrita, nessa perspectiva, permite, por exemplo, focar a ortografia da língua de forma mais contextualizada. Assim, trabalhar as relações entre fonemas e grafemas, as diferenças entre grafemas surdos e sonoros, entre letras com traçado semelhante, as representações múltiplas de alguns fonemas (por ex. /s/: s, ss, sc, c, ç, xc, sç), entre outras questões ortográficas, ganham sentido quando se tem no horizonte uma proposta significativa. Da mesma forma, aspectos semânticos e sintáticos, este último envolvendo também a pontuação, conhecimento pouco desenvolvido entre muitos sujeitos da clínica, são trabalhados na interlocução e não, como na maioria das escolas, em “aulas de gramática” destinadas especialmente a este fim.

Análise da produção realizada

Depois de produzido o texto, é preciso que ele seja *relido* em conjunto para que possíveis inadequações sejam revistas. Parte-se, assim, dos aspectos mais amplos, onde o sujeito é confrontado com perguntas do tipo: as propriedades do seu texto fazem com que ele pertença ao gênero trabalhado? O texto consegue imprimir os sentidos pretendidos, ou seja, você conseguiu materializar a sua intenção discursiva? O texto considera o público-alvo?

Ressalte-se que muitas vezes, mesmo após exaustivo trabalho voltado à apreensão das propriedades genéricas, quando se atinge a fase de produção e análise de texto, surgem algumas dúvidas por parte dos sujeitos que podem ser sanadas durante o processo da escrita. Assim, em geral, é necessário produzir várias versões (idas e vindas ao texto; análise e reanálise) até que a produção seja considerada adequada (discursividade, textualidade e forma) para a publicação.

É válido reiterar que os aspectos verbais são importantes na própria configuração genérica e devem ser objeto de análise. Por exemplo, em um processo terapêutico grupal que visava ao trabalho com o gênero sinopse^{2,5}, um dos participantes do grupo escreveu o seu texto com os tempos verbais no pretérito, como em um resumo, sendo alertado sobre esse fato pela fonoaudióloga. Após essa reflexão conjunta, considerando a necessidade de adequação, reescreveu-o. Abaixo, estão as duas versões produzidas, a título de exemplo:

Valente [cachorro da família] achou uma coisa de baixo da pia aí Kat começou a ter azar. Kat enterrou o grool, jogou no lixo, passou com a bicicleta por cima dele e ele continuou vivo dando muito azar. Todo mundo se machucava perto dele.
Sinopse de uma peça de teatro adaptada do livro Goosebumps – produzido por L em sessão terapêutica – 1ª versão.²

Valente [cachorro da família] encontra debaixo da pia da cozinha uma esponja do mal. Kat, a dona de Valente, fica com a esponja e aí todos perto dela começam a ter azar. Kat tenta destruir o grool, joga ele no lixo, passa com a bicicleta por cima dele, enterra, mas não dá certo porque o grool sempre volta...
Sinopse produzida por L em sessão terapêutica – 2ª versão.²

Se na primeira versão, os verbos estão no pretérito, na segunda, o tempo verbal no presente mostra que a história está acontecendo, como prevê

o gênero em questão. Da mesma forma, a finalização com reticências denota o caráter inacabado *sugerindo* ao leitor que leia o livro; objetivo da sinopse (produzir estratégias de convencimento para o consumo; não sendo um texto meramente informativo). Assim, os participantes da terapia, ao serem alertados sobre a intencionalidade dos textos/discursos, desenvolvem capacidade crítica e analítica, pois passam a operar sobre e com a linguagem, por meio da mediação com o fonoaudiólogo¹¹.

Outras questões que são vistas nesta etapa são os aspectos textuais, que incluem a coesão e coerência, progressão temática e tópica; aspectos ortográficos, entre outros de ordem formal.

Desse modo, a produção textual envolve discussões/reflexões e análise acerca das questões da língua(gem) que ocorrem durante e após as produções escritas. Depois de escrito, revisto e, se necessário, reescrito, o texto é publicado porque, como dito, a perspectiva teórica aqui discutida envolve um *eu* e um *tu*; parceiros de uma situação social de interação. Essa posição dialógica dada aos sujeitos da clínica acaba por ressignificar sua relação com a linguagem, construindo com eles uma posição de “autoria” e, portanto, de reflexividade e de competência diante da língua. Ao participar de forma efetiva nesse processo, a relação de sofrimento e de distanciamento com a linguagem escrita vai, aos poucos, se transformando, pois, como explica Bakhtin¹⁷, “no ato da compreensão desenvolve-se uma luta cujo resultado é a mudança mútua e o enriquecimento”.

Considerações finais

Este trabalho objetivou apresentar os aspectos teórico-metodológicos envolvidos na elaboração e na implementação de plano terapêutico embasado na teoria de gêneros do discurso de Bakhtin. Em uma atuação centrada na referida teoria, a aprendizagem e desenvolvimento dos processos linguístico-discursivos não são entendidos como a emergência de um sistema linguístico que simplesmente se adquire. Ao contrário, constitui um processo interacional envolvendo dialogismo e significação. Nessa direção, considera-se que os sujeitos interagem por meio de gêneros do discurso; logo, é por meio deles que é possível desenvolver um trabalho conjunto de uso da linguagem envolvendo leitura, escuta e produção textual. Portanto, atuar terapêuticamente segundo a perspectiva

de gêneros, significa considerar a concretude do fenômeno da linguagem.

Esse entender da/na linguagem permite um embate sociodialógico nos processos de aprendizagem da escrita em situação de terapia fonoaudiológica. Assim, ao assumir a *interlocução* como fonte de produção de linguagem escrita e nesse espaço as hipóteses dos sujeitos (da clínica) como mecanismos de reflexão para as práticas desenvolvidas, é possível promover a apropriação dos gêneros trabalhados nas práticas desenvolvidas e, conseqüentemente, competências linguístico-discursivas.

No trabalho visando à apropriação do gênero, o sujeito, em contextos de sentido, opera na construção do objeto escrito ao mesmo tempo em que desenvolve determinadas posturas frente à língua. Esse trabalho promove uma transformação de visões de mundo, de pontos de vista; oferece meios para que os sujeitos operem sobre os discursos, nos processos de recepção, não de forma passiva, mas de forma dialógica, procurando observar as estratégias enunciativo-discursivas postas em jogo na construção desses discursos, que levam em conta as condições em que os mesmos foram realizados, e, nessas condições, as questões ideológicas aí implicadas.

Ressalte-se, por fim, que a atuação fonoaudiológica com cada grupo de terapia (ou mesmo no trabalho individual) é um *evento único e irrepetível*, como o enunciado bakhtiniano. Isso leva a entender que, embora este artigo apresente as bases para a composição de uma *praxis* baseada em uma teoria, a proposta não representa um modelo de atuação que possa ser simplesmente replicado. Entende-se, tomando por escopo a abordagem enunciativo-discursiva, que cada sujeito e cada grupo apresentam especificidades; uma relação própria com a linguagem e com a condição de sujeito que (não) aprende, o que significa que uma proposta que pode ter sido excelente para um grupo pode não funcionar tão bem para outro. É preciso, então, que o fonoaudiólogo construa com cada grupo uma proposta de trabalho única que contemple (e promova) interesses, que instigue descobertas e provoque desafios, considerando que esse é um processo absolutamente singular dado a historicidade dos sujeitos.

Acredita-se, com base nos pressupostos apresentados, que o trabalho com os gêneros do discurso no contexto clínico é - para além de superação das dificuldades de leitura e escrita - uma

forma de contribuição para a formação de cidadãos ativos, críticos e responsivos, no pleno sentido desses termos.

Referências

1. BRASIL MEC. Parâmetros Curriculares Nacionais. Brasília: MEC/SEF; 1997.
2. Signor R. Os gêneros do discurso como referenciais para a atuação fonoaudiológica [dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2010.
3. BRASIL. Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa. Avaliação no Ciclo de Alfabetização: reflexões e sugestões. 2015. Disponível em <http://pacto.mec.gov.br/images/pdf/Formacao/caderno_avaliaoao.pdf>.
4. Kleiman A. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. In: Kleiman A. Os significados do letramento. Campinas: Mercado de Letras; 2008, p. 15-64.
5. Signor R. O gênero sinopse como proposta de ação fonoaudiológica voltada para o desenvolvimento de competências em leitura e escrita. Bakhtiniana, Rev. Estud. Discurso [periódico na internet]. Jan/jul 2012 [acesso em 15/06/16]; 7(1): [20p]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/bak/v7n1/v7n1a13.pdf>
6. Signor R. Os gêneros do discurso [a crônica] na clínica fonoaudiológica: estudo de caso. Working papers em linguística [periódico na internet]. Jan/jul 2008 [acesso em 15/06/2016]; 9(1): [17p]. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/workingpapers/article/view/1984-8420.2008v9n1p39>
7. Signor R. A interlocução na clínica fonoaudiológica: (res) significando vivências em práticas de leitura e escrita. Signo. [periódico na internet]. Jul/dez 2012 [acesso em 15/06/16]; 37(63): [22p]. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2666>
8. Signor R. Terapia fonoaudiológica mediada pela noção de gêneros do discurso: (res) significando histórias de ler e de escrever. SIGNUM. [periódico na internet]. Dez/2011. [acesso em 15/06/16]. 14(2): [21p]. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/9286>
9. Signor R. Os gêneros do discurso como proposta de ação fonoaudiológica voltada para sujeitos com queixas de dificuldades de leitura e escrita. Bakhtiniana. Rev. Estud. Discurso [periódico na internet]. Jan/jul 2011. [acesso em 15/06/2016]; 1(5): [17p]. Disponível em: [file:///C:/Users/Rita/Downloads/4863-17054-1-PB%20\(5\).pdf](file:///C:/Users/Rita/Downloads/4863-17054-1-PB%20(5).pdf)
10. Barbosa JP. Trabalhando com os gêneros do discurso: uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua portuguesa. [Tese]. São Paulo (SP): Pontifícia Universidade Católica. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2001.
11. Santana AP; Signor R. PTF para grupo de sujeitos com dificuldades de leitura e escrita. In: Pró-fono (Org). Planos Terapêuticos Fonoaudiológicos, vol 2. São Paulo: Pró-fono; 2015. p. 211-7.
12. Santana AP; Signor R. Grupo para sujeitos com dificuldades de leitura e escrita: aspectos teórico-metodológicos. Rev. CEFAC [periódico na internet]. 2015. [acesso em 15/06/16]; 17(6) [12p]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rcefac/v17n6/1982-0216-rcefac-17-06-01814.pdf>



13. Perrota C; Masini L; Martz ML. O trabalho terapêutico fonoaudiológico com a linguagem escrita: considerações sobre a visitação a gêneros discursivos. *Distúrbios da Com.* [periódico na internet]. Ago2004. [acesso em 15/06/16] [22p]. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/dic/article/viewFile/11638/8364>
14. Maieski MN. O gênero do discurso artigo como objeto de ensino-aprendizagem: uma proposta de integração da prática de produção textual à leitura e à análise linguística. [Dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2005.
15. Haeser ME. O ensino-aprendizagem da leitura no ensino médio: uma proposta a partir de oficina com o gênero carta do leitor. [Dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2005.
16. Bussarello JM. O ensino/aprendizagem da produção textual escrita na perspectiva dos gêneros do discurso: a crônica. [Dissertação]. Florianópolis (SC): Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2004.
17. Bakhtin M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes; 2003.
18. Bakhtin M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: HUCITEC; 2006.
19. Berberian AP; Mori de Angelis C; Massi G. *Letramento: referenciais em educação e saúde*. São Paulo: Plexus; 2006.
20. Rodrigues RH. Os gêneros do discurso na perspectiva dialógica da linguagem. In: Meurer JL; Bonini A; Motta-Roth D (Org). *Gêneros: teorias, métodos e debates*. São Paulo: Parábola Editorial; 2005. p. 152-83.
21. Disponível em: <https://historiadapublicidade.blogspot.com.br/2009/01/propagandas-antigas-de-fusca.html> [anúncio de jornal] acesso em 28/12/2016
22. Rodrigues RH. A análise do discurso na perspectiva do Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. In: Motta-Roth, D; Cananãs T; Hendges GR. *Análise de textos e de discursos: relações entre teorias e práticas*. Santa Maria: PPGL – Editores; 2008. p.65-88.
23. Kock I; Elias VM. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*. São Paulo: Contexto; 2009.
24. Gerald W. *Portos de Passagem*. São Paulo: Martins Fontes; 1997.
25. Pereira RA. O gênero jornalístico notícia – dialogismo e valoração [dissertação]. Florianópolis (SC). Universidade Federal de Santa Catarina. Curso de Linguística. Departamento de Linguística; 2008.

